



Guerra Junqueiro e a bem humorada crítica à decadência

Gustavo Breunig*

Resumo: O humor sempre foi uma ferramenta importante na vida em sociedade. Aqueles capazes de gerar o humor, por sua vez, já foram vistos como inferiores e superiores, dependendo de sua época. Este artigo visa recuperar um dos autores portugueses que melhor se utilizaram da sociedade em que vivia para gerar o riso e – simultaneamente – a reflexão. Junqueiro não foi um simples piadista ou um poeta, foi uma mescla do melhor de ambos, tomando os tabus da sua época e de outras e tornando-os o assunto principal do seu humor. Perdido entre os poetas tidos como “mais sérios” de sua época, Junqueiro chega até nós hoje com uma bibliografia a respeito do autor e da sua obra muito limitados, porém suficiente para que se reconheça a sua importância.

Abstract: Humor has always been an important tool on life in society. Those able to create humor, however, have been seen as both smaller or bigger to their peers, depending on when they happened to live. This article intends to recover a little about one of the Portuguese writers who best used his own society to generate laugh and – at the same time – thinking. Junqueiro was not just a joker or a poet, he was a mix of the best parts of both, using taboos from his time and from others and turning them into the main issue of his humor. Lost among the poets taken as “more serious” from his age, Junqueiro has come to our time through a very limited bibliography about himself and his works, although this small amount of information has been enough so that his importance could be recognized.

Palavras Chave: Guerra Junqueiro, Humor, Ironia, Sarcasmo, *A morte de D. João*

Keywords: Guerra Junqueiro, Humour, Irony, Sarcasm, *The Death of D. João*

1 Sobre o humor

Nosso primeiro objetivo é definir a ferramenta que utilizaremos durante a posterior análise: o humor. De forma ampla, podemos concordar com o que BREMMER e ROODENBURG (1997) salientam em sua introdução, ou seja, “qualquer mensagem – expressa por atos, palavras, escritos, imagens ou músicas – cuja intenção é a de provocar o riso ou um sorriso”. Em primeira instância o humor tem como objetivo o lazer, porém, quando levamos em conta os diferentes tipos de humor utilizados, chegamos à conclusão de que o humor pode também ser – e de fato frequentemente é – forte instrumento de crítica social e de defesa pessoal. Interessante notar que nesses usos, dois tipos de humor específicos são muito utilizados, humores esses que interessam muito nessa análise e que devemos analisar mais profundamente: a ironia e o sarcasmo.

* Estudante de Pós-Graduação em Teoria e Análise Linguística (UFRGS).

Ambos os termos referem-se a formas similares de fazer rir, pois tratam de dizer o contrário do que se pretende transmitir, deixando óbvia de alguma forma – explícita ou implícitamente – a verdadeira intenção do que é dito. A diferença vital entre os dois, de acordo com o site Wikipedia.org, é que “o sarcasmo é sempre mais picante e mais provocador, enquanto que a ironia é uma simples contradição voluntária, com intuito menos áspero e feroz.”¹

Como funcionam esses mecanismos de reinterpretação do dito pelo não-dito? Uma explicação consistente é encontrada em POSSENTI (2001), que afirma: “Praticamente cada segmento da língua deriva para outro sentido, presta-se a outra interpretação, por razões variadas.” Logo, o humor irônico e o humor satírico dependem de fenômenos linguísticos, mais do que de extralinguísticos, para se realizar. Possenti se refere a piadas e outras formas de humor de forma geral, porém sua explicação se aplica aos inúmeros tipos de humor relacionados à fala. A diferença é que, enquanto o humor referido por ele é feito às claras, o humor que focamos aqui ocorre de forma indireta, ainda que se utilizando das mesmas possibilidades de reinterpretação possibilitadas pelas línguas.

Explicados o uso e a diferença entre sarcasmo e ironia, chega o momento de contrariar parte da citação do site Wikipedia.org. Ao dizer que a ironia “é uma simples contradição voluntária”, o site deixa de lado muito do que de fato conforma esse humor. Enquanto o sarcasmo se utiliza de contradições reforçadas por palavras consideradas chulas e expressões que desmoralizam seu alvo, a ironia atua de forma muitas vezes mais eficaz e sempre, ou quase sempre, mais inteligente sobre o objeto atacado. O humor como forma de crítica se utiliza principalmente da ironia – pelo menos de forma mais eficaz – devido às características que a tornam eficiente: através de um aparente elogio colocado em uma situação específica, tornamos as qualidades que alguém diz (ou é conhecido por) ter em uma falha de caráter ou em uma fraqueza a ser explorada por seus inimigos – reais ou criados pelo autor da ironia.

Os exemplos que aqui poderiam ser dados serão guardados para a seção em que a obra será analisada mais especificamente, uma vez que o objetivo desse artigo é explorar o uso dessa ironia e desse sarcasmo na obra de Junqueiro.

2 Sobre Guerra Junqueiro

FRANCO (2001) narra a seguinte história sobre Guerra Junqueiro:

¹ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sarcasmo> - Acesso em 16 de julho de 2011.

Subiu ele um dia, num apeadeiro do Minho, para um comboio apinhado de gente, quando se deu conta que o único lugar vago estava em frente de um abade, gordo e rosado, entrado de idade, vestido de batina e chapéu preto, de aba circular, enfiado na cabeça. Junqueiro, que acabara de publicar uns meses atrás *A Velhice do Padre Eterno*, não zaragateou e sentou-se em frente do abade. Sem se apresentar, meteu conversa com o parceiro da frente, que depressa se lhe queixou, indignado e veemente, do autor de *A Velhice*, que levantava no momento uma onda de escândalo no País.

Junqueiro não se descaiu e atacou ele também o poeta e o livro. O abade deixou-se comover pela argumentação bem oleada do seu jovem companheiro de viagem, que lhe pareceu muito mais convincente do que a dele. Quando apearam, o bom padre convidou o talentoso e educado moço a ser fotografado ao seu lado.

A fotografia ainda hoje corre e está estampada na *Poesia Completa* editada por Amorim de Carvalho na Lello & Irmão (pp. 448-449). Lá está o padre, sorridente e feliz, convencido e ludibriado, maciço como um Souto, de bengalão na mão direita, ao pé de um Junqueiro miúdo, de chapéu descaído e malandro, pernas cambadas e cigarrilha mefistofélica entre os dedos.

Falávamos de ironia e sarcasmo, e eis que temos não só na obra, mas na vida de Junqueiro situações que nos causam riso devido à sua capacidade de transmitir uma mensagem através de outra contraditória inserida no contexto certo (àqueles que não prestaram atenção na seção anterior, trata-se de uma ironia bem colocada e eficiente).

Abílio Manuel Guerra Junqueiro, nascido em 1850 e falecido em 1923, teve sua primeira obra publicada em 1864 (*Dois Páginas dos Catorze Anos*). Sua fama, porém, viria dez anos mais tarde, com a publicação que norteia esse trabalho: *A Morte de D. João*, obra que marca o início da sua “idade poética adulta” (FRANCO, 2001).

Junqueiro foi desde cedo um poeta talentoso, porém o tom jocoso de sua obra o manteve afastado do cânone romântico mais conhecido de seu tempo. Sua obra foi bem conhecida em sua época, porém seu nome se perdeu entre os de autores mais diretamente ligados ao movimento literário do período.

Ainda que o desavisado padre do trecho anterior não tenha reconhecido o poeta, é dito que se tratava de uma figura bem conhecida nas ruas de Portugal, sendo que

Vai pelas ruas e chama as atenções. Os que passam, então, param um instante e sorriem-se, sabe-se lá o sentido do seu sorriso:
É o Junqueiro! (AZEVEDO, 1981)

Apesar da sua ausência nos ditos cânones, a influência de sua obra foi intensa e, como veremos na quarta parte deste trabalho, seu estilo irônico e satírico se repete até os dias de hoje, direta ou indiretamente.

3 A ironia em *A morte de D. João*

Uma vez definido o que e quem será analisado, é hora de começar a análise propriamente dita. A obra em questão foi publicada em 1874 e dedicada a Alexandre

Herculano. Em 1868, porém, Junqueiro “começa a pensar em escrever *A Morte de D. João*” (AZEVEDO, 1981).

A ironia e o sarcasmo no caso de Junqueiro fazem mais do que satirizar uma pessoa, trabalham sobre um modo de ser da sociedade em que vive. Ao escolher um rei mítico e desnudá-lo no mercado, Junqueiro não busca o simples riso. A arte desse autor não é fazer rir, mas transmitir uma mensagem através desse riso. O objetivo de Junqueiro é claro: Portugal ainda aguarda o retorno de um rei do passado como salvador, o que torna a pátria um lugar supersticioso e decadente. Como tudo se resolverá apenas com o milagroso retorno, não há utilidade prática em tentar solucionar a situação antes.

A prova de que a ironia é melhor arma para Junqueiro, porém, é o fato de que sabe se mostrar respeitoso frente a certas situações. Franco (2001) nos chama a atenção para “a metáfora do Calvário”, em que a morte é uma virtude divina:

Vinha rompendo a Lua. Os histriões famintos

.....
Iam como Jesus na estrada do Calvário
.....

Junqueiro não busca a ira ou a revolta de seus conterrâneos com seu poema. Pelo contrário, busca sua compreensão e despertá-los para a realidade e para a necessidade de abandonar velhas crenças. Para isso, o autor utiliza-se sabiamente da religiosidade do povo luso. Nosso objeto, porém, não é falar dos momentos de seriedade de sua obra, senão do contrário, da sua forma de fazer rir. Vamos a ela, então.

Como prevenir que o leitor perca tempo com nossa obra se não for do tipo que lhe agrada? Uma das formas de resolver isso é uma das ironias mais bem colocadas de Junqueiro, que no início do terceiro capítulo da primeira parte da obra anuncia:

Se alguém me diz que o enredo é como a gema:

Mais se apetece quanto mais se esconde,

Atire para a rua o meu poema

E vá ler os romances do Visconde.

(JUNQUEIRO, 1970)

O humor aqui utilizado pode ser considerado do tipo sarcasmo, pois trata-se de um humor mais escrachado, uma vez que o poeta é direto ao dizer que não se interessa em ser lido por quem discorda da sua forma de contar a história e chega ao ponto de mandar que o leitor pare a leitura e, ainda mais, atire o livro para a rua. Obviamente não esperaríamos que o leitor de fato jogasse o livro como foi mandado, muito menos que parasse de ler. Aí a diferença entre o desinteresse sarcástico e um simples desinteresse real. O humor se dá pelo inesperado na obra, mas não qualquer inesperado e sim aquele em que é possível perceber a *não-intenção*

do autor e reconhecer o seu verdadeiro objetivo. Tal objetivo aqui se faz claro em uma análise pragmática: Junqueiro escreve em um tempo em que o enredo de fato se ocultava no meio de arranjos e repetições, método de escrita ao qual se coloca visivelmente contra, no trecho analisado. Muito mais do que uma ordem ao leitor, temos, portanto, uma crítica aos seus colegas de escrita mais estilisticamente rebuscada.

Ainda na primeira parte, no capítulo seis (a cena do balcão), temos mais humor com base nos românticos (aqui com um sentido mais próximo do “sentimento romântico”, da paixão, do que do estilo literário), os da sua época e os de antes. A ferramenta usada se aproxima mais da ironia e é conduzida com uma inteligência que mescla o amor romântico – por parte do poeta – e a vontade de uma aventura, mais condizente com um realismo – por parte de Impéria.

O título da cena já remete ao amor utópico de Shakespeare em *Romeu e Julieta* – personagens citadas na passagem:

IMPÉRIA
Já não há, e é coisa triste
Suspiros de Julieta...
O POETA
Porém o amor ainda existe,
Porque há Romeus...
(JUNQUEIRO, 1970)

A ausência de mulheres que suspirem por uma flor trazida à sua janela é uma metáfora – ferramenta muito utilizada, por Junqueiro e por todos humoristas, visando gerar a ironia – para a ausência desse tal amor. Enquanto os poetas ainda buscam mostrar esse amor – que nunca existiu – o povo busca apenas aproveitar seus bons momentos. Nada de suspiros, ainda que o amor exista.

Ainda nessa cena, uma flor fora de época – “uma camélia em Agosto” (JUNQUEIRO, 1970) – dada pelo poeta à mulher amada mostra o quão inverossímil o amor retratado é. Ela, surpresa, não se comove. Toma a flor criada com lágrimas do poeta e a despetala e encerra o ato com uma frase que resume a opinião do autor:

Como é que existe ainda
Um coração que endoideça
Correndo em busca de amores?!
(deixando cair a flor desfolhada)
É melhor amar as flores...
(Junqueiro, 1970)

Como não rir quando a personagem simplesmente desdiz tudo que o poeta afirma? A ironia sagaz aqui também tem outro elemento, introduzido mais cedo na obra, mas ainda não mencionado, a saber, o nome da mulher alvo dos amores: Impéria. Quem seria Impéria senão

a personificação do Império, do povo, dos cidadãos que leem os poetas românticos e não identificam o amor narrado em suas vidas? O poeta – ou os poetas – canta um amor imaginário e belo, Impéria – ou o povo – vê um amor fingido e encenado, enquanto busca um amante realista, não romântico.

Já na parte terceira, encontramos um humor mais sarcástico e agressivo. Um rompante de revolta similar aos que, segundo se afirma em CARVALHO (1945), condizia com a personalidade do autor e com seu agir social. Junqueiro coloca D. João à mesa com cortesãs, e entre elas se encontra Impéria. D. João é jogado em uma vala comum, saindo do mito para um homem pior do que os que se apresentam a nós nas ruas. Dos hábitos comuns à época é retirada uma visão decrépita, pois fumava e bebia, sim, mas “fumava e remordia um péssimo charuto, em *brevia* de tostão”. Para um homem hipocondríaco, como é apresentado, D. João não parece muito preocupado com suas ações, senão no prazer que possa tirar.

Aí temos também, de forma irônica, um homem que se apresenta e age – ao contrário do esperado de um mito – como um herói, quando em público e busca os prazeres mais carnis – como qualquer humano – quando fora das vistas.

4 Reflexos da obra de Junqueiro

Falar das influências de Junqueiro e de seu humor na cultura pode ser entendido em dois níveis. O primeiro deles é sua influência direta, que analisaremos através da obra de RUSSOMANO (1941). O segundo nível é a sua forma de humor satírico e irônico em um âmbito sócio-político. Para isso, analisaremos influências mais recentes e mais diretamente ligadas à sua forma de humor do que ao poeta.

Em *A ressurreição de Dom João – Um episódio que Guerra Junqueiro não contou*, Russomano utiliza-se das três últimas linhas do poema original para inserir sua crítica pessoal, partindo desses versos (que são também os três primeiros de sua obra) para um novo poema.

Dom João, ao lado de uma estrada, desamparado e delirando, reencontra seu amor, Impéria. Enquanto ela tenta trazê-lo de volta a si, Dom João brada contra a sociedade. Sendo palavras de um louco, porém, permitimo-nos perguntar o quanto, de fato, não está toda a sociedade tão desamparada e desajuizada quanto a personagem. E em uma das sequências de desatinos mais impressionantes, o trecho seguinte reflete o pensamento da época, quando o Positivismo e o Marxismo davam passos importantes em suas histórias:

E já toda ciência em seu sistema inteiro
parece que se ergue em torno do dinheiro.
Já se levanta a indústria em braços de titãs...

- Desponta no horizonte o sangue das manhãs!
Voltaire baixando o olhar na sua tumba deita...
- A fábrica se move a ferro e fogo feita!
Mergulha já Rousseau em negro cataclismo...
Levanta-se da sombra o vulto do marxismo!
O doido sonhador que o mundo seu controí,
com suas próprias mãos a si mesmo destroi...
E vive, e pulsa, e pensa, em crença universal,
em nome da justiça,
até da liberdade,
quando será – e sempre! – escravo sensual
do sexo, do amor, da materialidade!
Eu sinto no meu braço o estíbuló simplório
que faz olhar o mundo em prisma todo novo...
Revejo em minha fé a Don Juan Tenório,
eu sinto em mim bater a vida do meu povo
(RUSSOMANO, 1941)

Dom João ainda se vê ligado ao povo português, bem como o povo português também ainda aguarda, em muitos âmbitos, seu retorno, tanto quanto na época de Junqueiro. Impéria se vê desesperada, pois o seu amado ainda percebe a morte se aproximando e, não desejando deixar a vida, abandona Dom João. Já só e ainda ao lado da estrada, ele se põe a bradar a sua importância para o mundo, encerrando o poema com um clamor que salienta – outra vez – o quanto sempre será importante para o seu “império”, de forma que sua ressurreição será eterna:

Enquanto houver o sexo, enquanto houver calor,
eu hei de palpitar em redenção de amor!
Eu sou em floração desejos animais.
E vive em mim a essência humana da matéria!
Eles não morrerão, não morrerão jamais...
E havemos nós de achar a sempre nossa Impéria!
RESSURREIÇÃO! RESSURREIÇÃO!
Não morrerá jamais o torpe Dom João!
(RUSSOMANO, 1941)

Por fim cabe indicar reflexos do humor, especificamente de Guerra Junqueiro nos nossos dias. As mídias hoje são outras, por certo, porém o descontentamento do povo com relação aos seus governantes e a sociedade injusta continua o mesmo. Duas importantes fontes do humor sarcástico são a televisão e a internet, e nesses, respectivamente, podemos salientar o programa – atualmente fora do ar – Casseta & Planeta e o site Charges.com.

O programa de televisão esteve presente na televisão brasileira por anos e sobreviveu devido à crítica ácida, mais do que ao humor puramente, que faz do país. Os humoristas, mais do que fazer rir, mostram ao público o quanto a vida real é recheada de situações impensáveis e o quanto o povo, enquanto massa, é um veículo de ignorância nas mãos de alguns indivíduos. Não descartamos a importância e a intenção de humor do programa, porém é com o uso de

sarcasmo e ironia para com figuras públicas importantes e imitações de estereótipos populares, que o programa alcança uma conscientização que se sobressai ao puro riso.

O site mencionado, por sua vez, faz um humor semelhante, com a ideia de estereótipos do povo e imitações de figuras importantes. Utilizando um veículo já antigo – a charge como elemento de humor e de crítica – aliado à internet e recursos digitais – como animações em Flash e músicas – o site se mostra capaz de superar as antigas charges de jornais, pois mantém o mesmo ritmo diário, porém com áudio e uma extensão no tempo – limitada, porém existente – que possibilitam um acesso mais amplo a um humor limitado apenas pela imaginação do artista e pela (ir)realidade da sociedade.

Ambos os meios citados herdam o humor de Junqueiro, satirizando e ironizando, utilizando-se alternadamente de um humor mais sofisticado ou mais escrachado. Muitos outros programas e artistas utilizam-se dos mesmos meios e listá-los aqui seria uma tentativa já falha antes mesmo de começar, devido ao grande número. O humor como ferramenta de defesa do homem na sociedade existe há tanto tempo quanto se possa lembrar e estará presente enquanto houver necessidade dessa defesa.

Referências

- AZEVEDO, Manuela de. *Guerra Junqueiro: A obra e o homem*. Lisboa: Arcádia, 1981.
- BREMMER, Jan e ROODENBURG, Herman. *Uma História Cultura do Humor*. 1997 em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=zqOLop3SV1wC&oi=fnd&pg=PA7&dq=o+que+%C3%A9+humor&ots=nAuk9npIj6&sig=TCwQmhLp-PI4aJBz14RzjDshuFE#v=snippet&q=ironia&f=false>. Acesso em 16 de julho de 2011.
- CARVALHO, Amorim de. *Guerra Junqueiro e a sua obra poética – Estudos e críticas*. Porto: Figueirinha, 1945.
- FRANCO, Antônio Cândido. *O essencial sobre Guerra Junqueiro*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.
- JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra. *A morte de D. João*. Porto: Lello & Irmão, 1970.
- POSSENTI, Sírio. O Humor e a Língua 2001 em: <http://aescritanasentrelinhas.d3estudio.com.br/wp-content/uploads/2009/02/o-humor-e-a-lingua-texto.pdf>. Acesso de 16 de julho de 2011.
- RUSSOMANO, Mozart Victor. *A ressurreição de Dom João: Um episódio que Guerra Junqueiro não contou*. Pelotas: A Universal, 1941.